



## ***A cabeça levada em triunfo,* último romance de Osman Lins**

Francisco José Gonçalves Lima Rocha<sup>1</sup> (USP)

**Resumo:**

Selecionamos trechos de *A cabeça levada em triunfo*, último romance, inédito e inacabado, de Osman Lins, cujo texto foi estabelecido fidedignamente conforme os manuscritos da obra que se encontram no Fundo pessoal do autor, salvaguardado nos arquivos do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) e da Fundação Casa de Rui Barbosa.

**Palavras-chave:** Osman Lins, *A cabeça levada em triunfo*, Estabelecimento de texto.

**Abstract:**

We selected excerpts from *A cabeça levada em triunfo*, last novel, unfinished and unpublished, by Osman Lins, whose text was established reliably as manuscripts of the work that are in the personal background of the author, safeguarded in the archives of the Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) and Fundação Casa de Rui Barbosa.

**Keywords:** Osman Lins, *A cabeça levada em triunfo*, Establishing text.

*A cabeça levada em triunfo*, último romance de Osman Lins, permaneceu inacabado devido à morte do autor. Sua composição foi iniciada – com a concepção de um plano – pouco antes do mês de setembro de 1976 e se estendeu até às vésperas do falecimento do escritor, em 8 de julho de 1978. Mais de setenta por cento romance, conforme se verifica nos manuscritos, foram redigidos no último ano de vida de Osman Lins, “com uma

espingarda apontada para o peito” como ele mesmo afirma,<sup>1</sup> já que nesse período recrudescia a luta contra a doença.

O que foi feito está inteiriço e guarda grande valor literário. Para dá-lo parcialmente ao público, selecionamos dois trechos do romance. O primeiro corresponde à sua abertura. A voz que narra em primeira pessoa é a do personagem principal, Deodoro, próspero comerciante, cinquentão, parálítico e apaixonado por Eloísa, trinta anos mais jovem e que trabalha como sua secretária. Deodoro oferta-lhe o casamento, mas a jovem resiste. O presente da narrativa gira em torno dessa relação. Ao mesmo tempo, Deodoro rememora alucinadamente acontecimentos de trinta anos antes e que giram em torno da luta pela cabeça de um chefe cangaceiro, Manuel Izidoro, luta da qual toma parte e que está na origem de sua paralisia. No romance, desliza-se sem transição entre passado e presente, num entrecruzamento temporal vertiginoso. Os fios da narrativa formam, assim, um novelo que o narrador tenta desenrolar para dar-lhe um sentido. No trecho selecionado, surgem presenças insólitas muito marcantes, tais como a Morte, em terrível aspecto, sempre acompanhada da Anã ajudante-companheira, e a Máquina Inútil construída por Deodoro, que se torna o duplo reflexivo de seu discurso.

O segundo dos trechos selecionados corresponde ao publicado por Julieta de Godoy Ladeira (1995) no número 38 da *Revista do IEB*, que pode ser consultado *on-line* no site do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP). Como o texto foi alterado por Julieta, tivemos por bem estampá-lo aqui fidedignamente estabelecido. Na passagem, Deodoro faz uma visita ao amigo Apolinário, velho e gravemente doente, o qual também se envolveu na luta pela cabeça de Manuel Izidoro. Admirado e invejado pelo jovem Deodoro, Apolinário acaba sendo traído pelo primeiro, que lhe seduz a esposa.

O que se lê aqui é parte de um trabalho de pesquisa que estabelece o texto do romance em sua totalidade, organiza o dossiê genético da obra e propõe uma interpretação de seu fundo simbólico e de seu processo de criação, a partir da análise dos manuscritos que se encontram no fundo pessoal de Osman Lins salvaguardado nos arquivos do IEB e da Fundação Casa de Rui Barbosa. Esperamos publicar, em breve, o trabalho integralmente e propiciar, assim, que o público leitor tenha acesso a um belo texto, apesar de inacabado,

---

<sup>1</sup> Apud LADEIRA, Julieta de Godoy, *A cabeça levada em triunfo*. Cenas inéditas do romance inacabado de Osman Lins, arquivo do IEB, pasta OL-LIT-007, fólio b. Trata-se de uma primeira versão de *O novo desafio de Osman Lins*, publicado no número 38 da revista do IEB.

criado entre razão e instinto – *Cabeça e corpo*, primeiro título da obra e dicotomia que ela brilhante e complexamente problematiza.

### ***A cabeça levada em triunfo***

Terrível,<sup>2</sup> o novelo das coisas, trançado e cheio de nós. O que se consegue ver, desenredar, depois de muita pena e paciência, é mesmo um pedaço do fio? O novelo está sempre se fechando e parece tomado do demônio, cresce e zomba da ordem, nunca se entrega. Hoje não vai restar folha amarela nas árvores e todo o pó da cidade se levanta, tenho pó até nos dentes, esse vento não para, é outro rio, outro rio, quarenta vezes mais rápido que o Una, mais largo, mais fundo. Assim vou viver, vou morrer, os dedos cegos enfiados no novelo, o olho impaciente perdido no novelo, sem nunca achar as pontas das linhas. Duvido que existam. Metido nestas salas, dia e noite, de inverno a verão, por que tenho a pele escura? Virá de onde esse meu rosto queimado, eu que sou filho de pais brancos, daquele velho hoje enterrado e nunca perdoado, daquela pobre Idalina<sup>3</sup> sem sangue e sem vontade? Serei eu próprio que me queimo, será meu sangue que ferve, arderão meus ossos? A Máquina me diz que eu para não ficar louco desfaço a meada, mas a meada que desfaço é inventada e falso o fio; e que o novelo real, verdadeiro, continua enrolado até a morte dos tempos. Pode ser, a Máquina produz sabedoria.

A porta abriu-se, talvez seja Eloísa. Será? É o seu jeito de abrir, nunca fecha as portas quando passa, como se tivesse rabo, o vento entra com ela, não reconheço o modo de pisar, o som das passadas. Comprou sapatos novos? Lá vai pelo corredor em direção à cozinha. Por isso tenho a pele crestada: ardo em fogo constante. Fique onde está. Tenha brio. Rodeie a cama ainda por fazer e que nunca cedeu ao peso de uma fêmea. Ligue o rádio. Não rasteje

---

<sup>2</sup> Na margem superior do primeiro fólio do *ms.*, centralizadas, leem-se duas datas escritas a tinta azul: “30-11-35, sábado – 30-11-65, 3ª feira”. Correspondem às datas dos eventos do romance. Ainda à margem superior, à direita, uma anotação a grafite: “Leôncio ou/Deodoro”. A dúvida diz respeito ao nome da personagem principal. Vingará Deodoro. Na margem esquerda, outra data, desta vez datilografada, “5 – 11 – 76”, que marca o início da redação do romance. Não somente nomes, mas também certos aspectos temporais, espaciais, simbólicos e discursivos somente são determinados por Osman Lins com o trabalho em progresso, marca do procedimento a um tempo programático e processual, entre razão e instinto.

<sup>3</sup> Adiante, Osman Lins mudará o nome da mãe de Deodoro, aqui Idalina, para Estefânia.

atrás daqueles calcanhares luminosos. Vozes na cozinha: Sebastiana<sup>4</sup> e ela, sim, ela, voz de mel e de manteiga, mole, untuosa, chamariz de abelhas e formigas. A voz de Frutuosa, comparada à sua, pedra sem forma; a dela, uma rolimã. Subiu para o café, como faz todas as manhãs. Depois, como sempre, soarão no corredor, misturados, seus passos que talvez não sejam leves, mas que me soam como se ela estivesse a ponto de voar, e os passos de chumbo de Frutuosa. Vêm as duas trocando frases soltas, ela ri, Frutuosa fecha a porta.

– Onde levo o senhor? Na oficina?

– Não. Diante da janela.

A cidade e sua marcha vagarosa. A cidade e sua agonia: relógio velho e emperrado, um dia pararemos todos por falta de corda. Frutuosa limpa o quarto e vai falando:

– O trem está atrasado. Preciso fazer compras. Saiu um carro fora da linha. Tem rato demais lá embaixo. Nessas últimas noites, quase não tenho dormido. Sabe que as ratoeiras não adiantam? O senhor está tendo um prejuízo grande. Se fosse só o que eles comem, ainda era bom. E o que se perde pelos buracos da aniagem? É milho, feijão, mamona e arroz que não tem quem calcule. Qualquer dia a casa cai. Uma casa velha dessa! Se eu fosse o senhor, com o dinheiro que tem, morava era no centro da cidade, num palacete bem dolero. Não nesse ninho de rato. Fico pensando como o senhor pode viver aqui em cima sem saber como está a casa embaixo. Quanto tempo faz que desceu no armazém? Mais de seis meses. Devia pelo menos descer para fiscalizar os embarques. O trem das oito e meia vai chegar lá para as onze ou mais. Daqui que chegue a turma de socorro, e olhem, e conversem, e tomem cachaça, e resolvam começar...

O telegrafista, o chefe da estação, todos dão graças a Deus quando isso acontece: o dia fica menor e menos demorada a agonia de Palmares. O chefe aparece e passeia na calçada, olha o sino. Foi ali que eu vi, ontem, o soldado, tudo está prestes a suceder outra vez. Ele estava com o dólmã rasgado num ombro, um lenço cor de sangue amarrado na cabeça, por baixo do quepe sujo, as pernas frouxas e o rifle à bandoleira. Olhava fixo na minha direção, rosto de bêbado, um homem no extremo do terror, do ódio e das forças, olhava dentro dos meus olhos, mas não podia ver-me. Desapareceu pouco depois. O telegrafista vem falar com o chefe, os dois entram. Eu devia escutar a intromissão de Frutuosa, ordenar que me levasse vez por outra ao depósito, não deixar tudo entregue as

---

<sup>4</sup> Sebastiana, empregada de Deodoro, se chamará, logo adiante, Frutuosa. No *ms*, a substituição é feita no fólio 2 a caneta azul, na entrelinha.

cuidados de Orlando Berlando, vigiar o que é meu. Não que eu possa dar lições a ele seja do que for: faz tudo como deve ser, aquela honestidade que raia o servilismo até enjoa. Mas eu desceria à parte inferior, a esse ventre ou porão onde armazeno futuros excrementos e onde Eloísa se move como um gás, vil e aérea, intangível. Veria a sua mesa de pinho, os livros de escrituração, o frasco azul com flores que ali parecem de louça, falaria com ela (por que espero, sempre, que venha a mim, que ouça o meu desejo?), iria ao quintal, veria de perto o jardim com que ela tenta compensar a agonia da cidade e a limitação de sua vida. Podia agir assim, não são as pernas, animais sem fôlego e sem nome, não são elas que me impedem, mas continuo aqui, continuo plantado na frente da janela, olhando o prédio amarelo da estação, os vagões cor de tijolo, o imenso rio de ventos, o cenário a que estou preso até que o diabo me leve e onde hoje ou amanhã, isto se mesmo o futuro não é um ramo de ontem, tudo vai suceder ponto por ponto – cerimônia, ensaio, retorno –, continuo aqui e extraviado nas caraminholas do tempo, diante da janela, sob o telhado largo, negro e escavado pela ventania, frente ao qual, sempre revolvido por bandos de urubus, como se caibros e ripas estivessem encharcados do cheiro dos vagões de gado e das mercadorias que às vezes apodrecem no depósito, envelhece, já semeado de telhas curvas, o telhado plano da estação. Os dois prédios confrontes, minha casa com as telhas ainda modeladas por franciscanos hoje sepultados em vários conventos do mundo e a estação de telhas francesas, rasas, sem sulcos, onde a água da chuva escorre chata, os dois prédios confrontes, entre eles os bancos de jardim sob o pé de fruta-pão e em torno a cidade em forma de arraia, repetição corrompida de .....<sup>5</sup> assim como a cabeça celeste de Eloísa, mais régia e parecendo cheia de inscrições, de fórmulas sagradas, repete a dessa estátua egípcia curadora de males e de quem preguei na parede da oficina a fotografia que empalidece, queimada pelo tempo e pela minha febre, sem que Eloísa nada conceda do que eu necessito.

Quem são os dois velhos de boné sentados no banco? Manuel Bezerra e Leobardo? José Clemente e Aprígio? Ou todos esses já fuçam nos enxurdeiros do diabo? A carcaça enfiada nestes quartos, sem sair para nada, venho esquecendo os nomes das pessoas e não sei mais quem morreu, quem vive ainda, quem se mudou, quem entrevou, quem chegou a

---

<sup>5</sup> Os pontos exprimem a indecisão com respeito à cidade que se repetirá no traçado Palmares. Osman Lins se refere, em fim de contas, tanto à “capital sumeriana”- Babilônia – (fólio 55 do *ms.*) quanto a Pompeia (fólios 113 e 117).

outras paragens, quem passou de moço a avô de si mesmo. A população da cidade se converte para mim num bando anônimo ou onde quase todos vão deixando de ser o que eram, se transformam em visagens. Lá vem Gunga-Din, com o burro puxando na carroça o tonel cheio d'água, pintado de amarelo. Onde inventou esse sistema, o banco à direita do tonel e o chicote curto na mão? A preguiça vive parindo geringonças. Eloísa debruçada na mesa ou molhando as suas plantas. Os frades que construíram esta casa, todos mortos. Meninos com balaios na cabeça. A mulher do chefe-de-estação na janela do primeiro andar, penteando os cabelos, sem se dar conta dos urubus no telhado. O zumbir dos dentes de aço, na serraria, do outro lado dos trilhos, no exato lugar onde, em ....., ficava a ebanesteria. Os urubus voejam assustados, como se tivessem ouvido algum disparo. Chapéu de couro, cartucheiras cruzadas, rifle na mão, um soldado cruza a praça rápido, os velhos se levantam e afastam-se, o soldado com o lenço cor de sangue na cabeça aparece de novo na estação, o olhar fixo.

– Baixou o vento. Som de cascavéis. É ela?

Sim, como sempre é ela, com três ou quatro roupas de homem superpostas, cada qual mais velha e mais cheia de remendos, o guarda-sol aberto, os pés descalços, vem sem pressa, no seu rastro a Anã com a bandeira em tiras, os sapatos altos sobram nos seus pés de anã, as duas juntas, Mestra e Ajudante, uma corrente de ferro passada no braço esquerdo da Mestra e presa à garganta da Anã, passo largo o da Mestra e curtinho, trôpego, o da outra, com seu vestido decotado, godê, de marafona, abanando o pó da rua. O som do guizo se dispersa na manhã, turva ainda mais o espaço culpado e macula o espaço inocente. Aproximam-se, e a serra mecânica, as batidas de martelo, os gritos soltos, a respiração do Animal, tudo arrefece ou parece arrefecer para que eu ouça o guizo sobre a cabeça da Mestra. Ela vem, para ante as grades do portão, ante as trinta grades verticais do portão, olha-me sem pena, a Anã vai adiantar-se até onde permite a corrente no pescoço, adiantou-se, e recuar, esconder-se atrás da companheira, já recuou, já se escondeu, mas vê-se a ponta do mastro. O vento joga para um lado sua bandeira suja. Nunca verei de todo a cara da Mestra, com essa mordança de ferro abaixo do nariz, igual à que os donos de minas parafusavam à cara dos escravos para não comerem ouro. Também de ferro a peça circular que cinge o seu pescoço descarnado e da qual sobem três hastes curvas, com cascavéis nas pontas. Imóvel. Mesmo assim, tilintam os guizos. Dos seus vazios, do seu coração infestado de lombrigas, do seu interior tenebroso, ressoante de sentenças negativas e horas finais,

emana um sopro gelado que atravessa o portão, corrompe o ar no terreiro entre portão e casa, inunda o quarto com um frio de cisterna. Vai-se estrada afora, guarda-sol aberto, a Anã acorrentada tropicando, seus sapatos altos, sapatos brancos. Vai com elas o invernos, o ar mortal, crescem de novo os sons da cidade, martelos e gritos, aumenta de novo a respiração do Animal, o som dos guizos se extingue, sim, tudo vai suceder mais uma vez, ponto por ponto, como esses mortos padecentes que voltam noites seguidas, invadem o palco dos sonhos, até que se resgate uma dívida por eles ou se decifre o que procuram revelar. Mas o que vai sacudir mais uma vez o sossego de Palmares nada tem com o sono, diz a Máquina, é assunto de acordados. Não dormias quando viste a Morte. Ela veio e te viu, sob o velho guarda-sol, por entre as barras enferrujadas de um portão real, o teu. Eu queria que a Máquina me respondesse, entretanto, por que voltam, com anos de intervalo, todo esse povo e seus atos, por que esse rito meticuloso (pois se não é um rito, que outro nome?), se tudo se repete porque não entendido, se decifrarei ainda o que talvez peça decifração e se o acontecimento, revelado, não voltará nunca mais a repetir-se.

– Responda, Máquina. Decifrar não é um modo de apagar, de esquecer?

Os dois soldados desapareceram. E pois? Assim tem sido, surgem e somem, até que tudo retorna e se articula, a tropelia, o pó, as armas, a cabeça, o motim, o velório da cabeça, o tiroteio, o triunfo, a traição. Venha, venha o que foi e será, estou aqui e aqui estou, vigilante, dilacerando os dois espaços com o meu corpo bruto e incômodo como todo corpo condenado a gume.

(O vento que sobe, a chegada do trem, chega o mensageiro.)

A mulher do chefe da estação outra vez na janela. Não para de escovar os cabelos? Ouve os urubus no telhado? E se eu fosse o chefe da estação e não o negociante que transporta cereais por via férrea? Se eu me sentisse à vontade numa farda azul-marinho e transitasse em paz entre a plataforma e a moradia no primeiro andar, alheio àquele ponto de conexão sempre mutável, tão difícil de encontrar e que – só ele, mais nada – aplaca a minha ânsia? Se eu me preocupasse com horários, com atrasos de trens e não com o tempo, com os desejos que se cumprem tarde ou nunca? Se eu enviasse mensagens telegráficas concretas, que alguém responde sempre? Se eu não fosse esse que lança indagações para um receptor demente? Se eu não fosse o que se aplica em construir a Máquina Improfícua, irmã do Nada? Se a minha mulher, penteando-se diante da janela, tivesse a cabeleira morna

como a de quem passeia ao sol, olhos rasgando as órbitas, o costume de jogar a cabeça para trás, a carne imantada e se chamasse Eloísa?

Ninguém sabe mais quem teria plantado no quintal, junto ao poço, aquele cinamomo e aquele bálsamo. Talvez dois dos muitos frades construtores da casa, diversos em suas origens ignoradas, um nascido nestas bandas e outro jogado aqui por determinação da Ordem, vindo das plagas mortas, das Pérsias e Frâncias, foi este que plantou o cinamomo, árvore ligada a orações islâmicas, à magia negra egípcia, a rituais da Índia, a fornicações da Bíblia, ao deus Mercúrio, à medicina otomana como tônico e catártico – e tão cheia de luxos que em terra de índio relaxou a copa, perdeu o redondo, entregou-se ao desprezo, feito mulher zelada que se casa com bêbado e deixa de pentear-se, por promessa ou desgosto. O nascido cá, no Mundo Novo, talvez com um pouco de África no sangue e engendrado nos almácegos, plantou o bálsamo, ou cabriúva, ou cabriuna, ou cabraíba, madeira perfumada e vermelha como dedal de menina para dedo de homem, mas compacta e empregada em ofícios duros, moendas de cana, barcos, bolandeiras, pipas de amadurecer cachaça, jangalamartes, carros de boi – o cabeçalho, a canga, as rodas. As<sup>6</sup> águas do meu poço, junto ao qual se misturam as raízes dessas árvores, respiram os ares das duas, cheiram a sulamita e a cabriúva.

Assim imóvel sobre a tosca mesa de pinho construída por Alacoque, útil e absolutamente indigna de ti, Máquina, da tua inutilidade, me olhas em silêncio, como um cão habituado a pontapés do dono e como um investigador da polícia. Quantos anos da minha vida estéril apliquei na tua criação? Sete? Dez? Quem sabe? Horas inteiras frente à janela da oficina, voltado para a corroída parede de azulejos junto ao poço, afinando o meu cérebro com o que resta dos desenhos, fragmentos ainda brilhantes de branco e de azul, estudando com raiva e aplicação a perda de sentido, para empregar na tua construção o meu avesso de sabedoria. Não seria mais fácil misturar, numa caixa qualquer, parafusos, molas, rolimãs, correias, manivelas, rodas? Ou mesmo jogar tudo isso no poço? Sabes que a facilidade é desprezível. Além do mais, o que eu pretendia não era a desordem, mas a harmonia vã. Por mais que eu podasse as finalidades, sempre acabavas produzindo ou transformando algo: no mínimo, zumbias. Quando, afinal, consegui que as tuas

---

<sup>6</sup> No alto da margem esquerda do fólio 10 do *ms*, anotação a tinta preta: "Voltar a isto. Ele bebe essa água". Logo abaixo, datilografada, uma data, "31 – 12 – 76", indicando a retomada da redação do romance. Há, nas margens do *ms*., diversas notas semelhantes à primeira, a um tempo inspectivas, fruto do exame do texto, e prospectivas, germe de uma reformulação futura, não realizada.



engrenagens, simulando o Nada, se desarticulassem numa série de operações absurdas, cujo acordo era ilusório, disseste o meu nome. A partir desse dia, semelhante ao esqueleto metálico de urubus em luta com pratos e campânulas de vidro, contrastando em tudo com a mesa feita a serrote e martelo onde repousas, meditas impassível sobre o mundo e ouves, sagaz, minhas vozes secretas. Haveri construído um ente demoníaco? A isto, não respondes.

Morrerei sem encontrar o início da urdidura. Tudo se apresta para suceder mais uma vez, na ordem de sempre e com a mesma violência. Mas começa em que ponto? Na cilada? Na denúncia? Na chegada a Palmares? Não começa? Anseio por Eloísa como ansiei pela vida, à beira da morte. Frutuosa rega as samambaias nos jarros. No quinto degrau do Mercado, um cachorro de olho cego ergue as orelhas, corre ganindo, o rabo entre as pernas, entra no espaço culpado. As pessoas vão e vêm na Rua do Comércio. Eu rodo pela casa, atravesso o corredor, passo pela frente da capela transformada em latrina – aí teve início a ruína da casa e é daí, eixo da construção, que vai partir o desabamento –, visito o quarto das plantas, volto e me detenho, as mãos cerradas, no limiar da sala, no centro exato da casa, dorso para a capela sem imagens, no ponto em que pela primeira vez os grandes olhos de Eloísa se estendem sobre mim como invencível tarrafa.

Ouves, Máquina? Aí onde estás, ouves? Eloísa está de pé junto à vidraça, olhando para fora, para a manhã nublada de janeiro, ali, no extremo esquerdo da sala, quando a única cadeira fica no lado oposto, junto da escarradeira. Volta-se. As quatro janelas abertas; e a porta, no centro, não de todo fechada. Convido-a a sentar-se. Ela atravessa a sala no seu passo mole e flexível, os sapatos de sola muito grossa fazendo-a parecer mais alta e percutindo com um som cavo nas tábuas já um tanto fora de nível, transformando-se – várias Eloísas – a cada passo dado, ante a luz coada pelos vidros encardidos, ameaça chover e ele cruza a sala turva como se refletisse, só Deus sabe de que modo, alguma nuvem próxima, uma nuvem de chuva, pesada de relâmpagos ainda não acesos. Tudo a seguir parece tão desconexo quanto o seu vulto fresco, lavado, empoado, sob as pombas de asas abertas, pintadas entre flores de um azul corrupto, a voar nos quatro cantos do teto e que têm agora o ar de pássaros mortos a tiros de espingarda, enlameados, podres, cobertos de moscas. Entra meu primo Orlando Berlando, com seu queixo saliente, a pele de cadáver e aquele intolerável ar de honestidade.

– Louva a redação da visitante, sua caligrafia, a facilidade nas quatro operações. Ótima para os serviços do escritório. Mas quer o meu acordo. Você é que sabe, Orlando. Ora!

Como pode ser tão cego! Não vê que tudo isto é apenas o pretexto, a crosta, a máscara de um evento escondido e inevitável? Nada, Orlando, impediria que surgisse agora, mas distanciada de mim por um rio que só a mente cruza, um rio largo, Orlando, de trezentos e sessenta meses, Eloísa ou outra, vinda fosse como fosse, invocada pela simetria, para que eu tudo espere, deseje, rogue, mesmo sabendo que a sua aceitação seria o seu desastre, exposta que ela é, se vejo bem, a homens da minha laia, condenados a gume. Eloísa veio, está sentada junto à escarradeira de louça e não se irá agora, mesmo que eu a expulse. Tem a minha cabeça sob os pés e pode exigir tudo. Já se agita um sorvedouro opaco, inquietante, aspirando a distância entre nós, mas sem forças para nos unir.

– Mas que casa enorme, a do senhor!

– Não é maior que o telhado.

– Parece um convento. Muitas goteiras?

– Tantas goteiras quantos buracos de ratos. Os ratos já roeram os móveis quase todos. Vê como só resta na sala essa cadeira? Cuidado! Cuidado! O rato vai roer a cadeira. A cadeira e a senhora!

Assustei-a? Melhor. Poucos móveis. Assim, Eloísa, fica mais fácil ir e vir, buscar, buscar, quando a ânsia se torna dolorosa, o chapéu ou coroa invisível, aquele arco na altura das minhas têmporas, sempre a mudar de posição na casa, onde enfio a cabeça e deixo-me ficar, pacificado, até que ele se move e o desespero volta.

– Mora só?

– Com mil demônios.

– Mil. Mil.

Terá ouvido o número alguma vez na vida e não recorda o que significa? Mil. O Tempo: um Rato. O Animal ressona. Frutuosa traz café para os dois e para mim um copo de aguardente que tomo de um golpe.

Rodo a cadeira para junto de Eloísa, cuspo na escarradeira e – como explicar isto, Máquina? – sinto a seu lado, misturado com as emanções da água-de-colônia e o cheiro de café, um odor de gaiola, de excrementos de pássaro. Mas também vejo, a ponto de gritar, a pele em sua espádua, com o lustro dos vinte anos, refletindo a claridade terrosa da manhã,

que na sua pele adquire um tom precioso, de ouro. Peço-lhe a xícara vazia e toco nas suas mãos, entra pela porta uma grande borboleta, ela aponta-a rindo, suas gengivas pálidas, também quero rir e descubro que não sei, ornejo, vai-se a borboleta. O sangue aflora ao rosto de Eloísa. A respiração do Animal.

– A casa é feita com uma arcada de baleia. Desarmaram o esqueleto perto de Barreiros, na foz do Una, trouxeram tudo rio acima, osso a osso. Nesse tempo o Una era diluvioso. Aqui onde estamos é a boca da baleia. A boca? Frutuosa! Frutuosa! Chame Alacoque. Depressa. Vou inspecionar o depósito. Quero que ele me desça.

Alacoque vem correndo, as unhas grandes e sujas, nunca faz a barba, por que não meto esse sujeito no hospício?, vai chegando o trem, eu paro no patamar.

Chega a cara pequena de Alacoque, chegam os dentes podres de Alacoque, o olhar burro e vazio de Alacoque, o cabelo penteado de Alacoque, o paletó abotoado de Alacoque, será que ele não tira o paletó, dorme de paletó, rola na cama assim com Frutuosa e os ratos? Já entra se queixando:

– O pé direito, hoje, está que não tem quem segure. Subiu a escada mais ligeiro que o esquerdo.

– Pois tenha cuidado para ele não descer tão depressa e me jogar da escada embaixo.

Agita no ar o pé rebelde, como se quisesse atirar longe um corpo estranho preso no chinelo. Tenha modo, pé! Pensa que se governa?

Frutuosa<sup>7</sup> abre inteiramente a porta, as dobradiças gemem e o meu recuo na cadeira faz Alacoque hesitar. Mergulhar assim, de corpo inteiro, nessa manhã tão larga? Vejo meus sapatos de oito anos atrás e ainda novos cruzarem o batente, lá vão eles, queria ter um pé manifestado como agora o de Alacoque, sem limites nem ângulos zune-me o vento na cara – galhos de arvoredo, numa trilha que eu varasse galopando –, os urubus voejam assustadores na estação, ah, que o trem atrase ainda mais, o cheiro do mundo sufoca-me, eis-me exposto aos ares como um nervo de dente e entregue a um louco manso, suspenso entre um degrau e outro, os bicos de boticão dos urubus, eu mais e mais perto da terra, o mergulho, o descenso, o chão se abre para o meu enterro, as rodas da cadeira, com Alacoque atrás, lutando ainda contra a rebeldia do pé, quer tomar o freio nas unhas, peste?, atravessam os sufocantes corredores formados pelas sacas, mal iluminados por duas claraboias laterais. O senhor sabe? Um dia eu corto o corpo. Um corpo que vive se

---

<sup>7</sup> Na margem esquerda do fôlio 14 do *ms.* há anotação a tinta azul: "O quarto/de Alacoque/o cafre/cachaça".

revoltando! Nenhum sinal de desleixo, o piso bem varrido, nada de teias de aranha, mas pensa que é só o corpo?, as balanças lustrando, carroças engraxadas, ratoeiras armadas nos recantos, tudo no lugar, Orlando Berlando dá nojo. Cuidar assim de bens alheios!

– O crânio, também, tem dias que só pensa no que quer. Eu com vontade de levar a ideia a Deus, e o crânio: “Vem, diabo. Vem, diabo.”

– É assim mesmo. Conforme-se.

Além, no quintal, Eloísa e Berlando, ambos de cabeça baixa, ele risca o chão com a ponta do sapato, mete um papel no bolso, o vento sopra a saia e os cabelos dourados de Eloísa, ela passa o lenço nos olhos, que quer dizer esse gesto? Orlando Berlando?! Um sujeito que almoça, janta e ceia missas! Tão miserável que abre por baixo a pasta de dentes já usada, a ponta do canivete, para aproveitar o que resta!

– O senhor é que tem sorte: as pernas, pelo menos, não se metem a coisa. Eu queria ter o corpo todo assim, esquecido. O corpo e o quengo.

– Você não sabe o que diz. Leve-me até onde estão aqueles dois.

– A boca fala, fala, fala. Cala-te, boca. Que zoadá!

Conduzido por um louco. Assim é guiado o meu espírito. Pare, Alacoque, deixe-me aqui, vá chamá-los. Lá se vai, puxando para trás a perna direita, com as duas mãos. Toco na mesa onde Eloísa trabalha. Três margaridas frescas no jarrinho azul: enfio uma no bolso. Antes que os alcance Alacoque, vem entrando a parelha, diviso contra a luz o formato das coxas de Eloísa através da saia leve, esmago a flor no bolso, Orlando Berlando adianta-se, que milagre foi esse hoje?, faço questão de apertar a mão dos dois, a dele fugidia, trêmula a de Eloísa. A Anã, tropeçando, segue atrás da Morte, o pescoço na corrente, por um canavial ensolarado.

– A vida não vale nada – sentencia Orlando Berlando. Reclamo as sacas furadas e o despropósito de ratos. Ele diz que já fez tudo, só não pôs veneno, é perigoso, com toda essa mercadoria. Alacoque ronda-nos, como quem não quer nada, olhando as pernas de Eloísa. Ela toma a defesa do meu primo: na casa onde ela mora, os ratos...

– Quero saber da sua casa? Me interessa o que é meu.

– Sempre existiu rato aqui – lembra Orlando. Nem por isso você ficou pobre. Eu faço o que posso.

– Eu sei. Eu sei.

– Sabe o quê, homem de Deus? (Os olhos de Eloísa, maiores do que nunca, úmidos. Muda o jarro de lugar. Sabe que falta uma?) Estamos aqui falando de coisas temporais e... Tenho uma notícia triste. José Apolinário morreu hoje. Eloísa acrescenta: “Sofreu tanto!”

\*\*\*\*\*

Quando<sup>8</sup> os caminhões pararam em Nova Descoberta, pensei que ia morrer ou que ia começar a chacina. O pessoal saiu de onde?, de onde?, do chão? Estavam enfeitiçados? Só vi foi a poeira, aquele poeirão, aquela nuvem rasteira e enrolada, os esfarrapados vinham em bolo, e acho que não estavam tão carentes de comida e água, pois eram fortes das pernas e da goela, vinham para cima dos carros num alarido tão grande que nada mais se ouvia e ligeiros como eu nunca vi na vida: meninos, homens feitos, velhos, mulheres grávidas, a rafaméia toda se acotovelando, tendo nas mãos pratos de estanho e latas vazias de querosene que batiam umas nas outras, vi aquelas pernas girando feito corrupios e tudo aquilo, de repente, me doeu na alma, foi igual a uma faca, a uma verruma, foi como se os meus pés mexessem, eu sentia compaixão, mas nojo também, também raiva, vi os soldados apontarem as armas, só um desceu da viatura dos víveres, atarantado, e foi este quem deu uma rajada curta, o pessoal correu ainda – dois? três passos? – e estacou. Muitos riam, como se os disparos fossem uma brincadeira. As lojas estavam fechadas, mas havia gente nas portas e janelas, dentro das casas, acompanhando o portento.

– Façam coluna por um – gritava o cabo.

Mas cada um tinha medo de avançar, com as bocas das armas abertas para eles, vigilantes, e quem pensava em ceder, ficar na rabada?, era gente acima da conta, muito couro de barriga quase colando nas costas, e estava mais do que na cara que a esmola do governo – a farinha, a carne de charque, o moca, o açúcar mascavado – não dava para todos. A poeira levantada ia baixando, não, se espalhava em nossa direção como fumaça, mas o cheiro da fumaça era igual ao de carvão mijado antes de aceso, eu olhava aquela cabroeira, o mulheroio escuro, de panos amarrados na cabeça, as camisas abertas dos

---

<sup>8</sup> A partir desse ponto, o texto corresponde ao que foi publicado – e alterado – por Julieta de Godoy Ladeira (1995).

meninos, o triste mostruário de chapéus sombreando as caras quase invisíveis dos homens, o pés na terra dura, como é, gritou o cabo, entram em forma ou não entram?, engoli em seco para não vomitar no caminhão e rezei a meu modo, sem fé e com blasfêmias, por uma tromba d'água que raspasse, zapt, a sujeira desses doidos, fugitivos de uma seca-fantasma por eles invocada e real em seus efeitos, dissipasse a inhaca ou varresse com a turba, mas umas nuvens desfiavam-se e o sol abriu de vez, o largo até ficou maior, mais descampado, mais árido, com três ou quatro aglaidas de fronde empoeirada, o sino de uma igreja que eu não via vibrou naquela espera, um som rachado, miserável, que fazia lembrar um fruto resseco, e foi então que se abriu a porta de uma casa e um velho alquebrado veio andando, trôpego, um velho meio curvo e ainda esguio, ainda com um sinal invisível acima da cabeça branca, a mão esquerda em pala e a direita na barriga, como se estivesse com uma bala nas tripas, que diabo de homem era aquele?, a tensão afrouxava a cada passo que ele exigia do corpo, quem seria?, uma mulher veio atrás, entregou-lhe o chapéu, quis trazê-lo de volta, ele puxou o braço, pôs o chapéu na cabeça e pelo modo de cortar a ação da mulher, pelo chapéu, pelo jeito do chapéu, meio sobre a orelha direita, com a aba quebrada para cima, descobrindo a testa, os olhos, eu vi que era José Apolinário, vindo para o seu último gesto inútil neste mundo, governado até o fim pela sua maneira de viver, de ser, sempre tomando as dores de alguém, sempre aparecendo onde não foi chamado, respondendo o que não foi perguntado, saldando o que não foi cobrado e nunca – também nisso – pesando as vantagens.

– Esse velho não dá mais nada – disse o motorista, olhando-o através do para-brisa. Vem meter-se aqui pra quê?

Via-se, mesmo à distância sem que nada fosse dito, que Apolinário não vinha pedir nada.

– Foi ele que eu vim visitar. Está ruim mesmo. Não tem seis meses de vida.

Vi quando cambaleou, parecendo ofuscado. Ainda olhou em nossa direção e fez um gesto vago de apelo. Relutante, deu meia-volta e entrou de novo em casa, mais curvado do que antes. Sim, ele estava com os últimos dias contados, os recibos das contas já passados, mas devia restar-lhe ainda (o quê?, autoridade?, poder de conciliação?, um fluído?, o quê?) algum dom que eu não tenho, pois entre os canos das armas e os andrajos sobreveio uma espécie de ida e volta, um fluxo, uma troca, formou-se quase um compadrio entre os

milicianos e a cambada, que agora ria solta (bons retirantes, estes, brincando com a miséria) e quando entrei na casa dele a distribuição das rações já estava em curso, tudo na santa paz.

Foi a cadeira de rodas, antes de mais nada, que me identificou. Como reconheceria Apolinário no cinquentão estropiado que não sabia ainda o que dizer e abalroava nos móveis de pés finos, o moço a quem não via desde quando orçava ele mesmo pelo número de anos que eram agora os meus? Primeiro, olhou-me pasmo e não sem desconfiança, um tanto desamarrado da cara o queixo ainda nítido; passou a vista na cadeira e eu soube que ele estava lendo, na minha visita, o seu fim, eu valia por uma sentença de morte.

– Você aqui?!

Não era uma exclamação de alegria e sim de medo, agravada pelo tom da voz, quase a de um mendigo, humilhada e pouco firme. Cheguei minha cadeira para junto da sua – com um forro verde-claro de plástico – e dei-lhe um abraço, abracei aquela ruína que atendia, com que direito?, pelo nome de José Apolinário e que talvez odiasse, por inalcançáveis, o desassombro burro, a fé estúpida, a insensata alegria de viver, o fervor sem motivo, a confiança teimosa de um varão de quem poucos se lembravam e que se chamara José Apolinário. Vagavam na sua mente, pois vagavam na minha, na sua mente onde tudo ia ficando duvidoso, frouxo, pescarias e caçadas, banhos de rio, cavalos chispando, um olhar maduro e plácido, punhais, armas de fogo, papagaios de papel, estradas de lama, bravatas.

– Graças a Deus você chegou. Olhava para cima, para Deus, e o queixo estremecia. Tenho rezado tanto esses dias! Queria ver você uma vez, antes de morrer.

– Morremos todos.

– Que felicidade! Nossa Senhora me ouviu. Agora posso fechar os olhos em paz. Não desejo mais nada. É uma dor, meu camarada, uma dor que você não faz ideia. A finada gostava tanto de você! Ela sempre se lembrava de seu aniversário.

– Nem eu mesmo sei mais quando é. Nem eu sei.

Volta-se para a mulher, de pé a seu lado. Quer saber o que eu disse e ela repete em voz alta. Faltava à casa, pouco espaçosa, qualquer intimidade; quem passa nas calçada vê até a cozinha e, através da janela da cozinha, o quintal desolado, sem árvores. José Apolinário alugou-a para ficar mais perto de Palmares, de onde o médico vai vê-lo quando o mal se agrava. Ouvem-se as vozes da multidão. Está na sala de jantar, debruçada à mesa, terçol no olho esquerdo, uma dona dos seus vinte e poucos anos, parruda, relaxada, sua sobrinha em segundo grau e, até onde sei, única parenta que lhe resta no mundo. Vou

procurando saber qual o tratamento recebido e chego à conclusão de que ele está morrendo no abandono. As duas cataplasmas, a mulher e a sobrinha, fizeram as suas contas e verificaram que operação, ali, não adianta nada, que hospital só faz roubar, que enfrentar uma doença como essa é jogar dinheiro fora e que, se não cuidarem na vida, quando ele fechar os olhos elas estão sem níquel e, ainda por cima, endividadas. No fundo, concordo com as duas, acho que pensam bem. Salvar a pele, acima de tudo. Fazer o quê? Nada. Deixa morrer. De repente, eu, que nem sequer me movi quando os falsos flagelados estavam frente às bocas das armas, vi quanto errara em ter descido pela mão de Alacoque os protetores de degraus de minha casa, me aventurando nos solavancos do mundo cá fora, para seguir um uso venerado por comadres, visitar um condenado às vésperas da morte e que<sup>9</sup>, podia negar?, eu não conhecia e não me conhecia. Foi quando ele se levantou e, apoiado na mulher, enquanto a sobrinha rabiscava na mesa com o indicador rombudo, procurou o banheiro. Eu via os dois, ele com os pés em sandálias de couro cru – para o muito que haviam andado no mundo, os pés até que ainda eram bem formados –, ela com sapatos de lona e sola de borracha, um dos cordões desatado, ele com calças de zuarte, frouxas, a camisa para fora, ela com um vestido de bolinhas verdes, o cabelo tingido, meio pesadona, José Apolinário de cabeça toda branca, se apoiando na mulher e avançando precavido, a passo de equilibrista, um sujeito como ele, que nunca soube o que é ficar parado, um andarilho, um peregrino, um calcanhar de barro, um comedor de léguas, mas se todo o caso fosse este eu teria cumprido a obrigação, dava um abraço, você vai ficar bom, vai ser o mesmo homem, voltava no caminhão-pipa e pronto. Não degradingolava – como se Alacoque, perdendo o resto do tino, me largasse escadaria abaixo -, não degradingolava na esperança, na compaixão, na intromissão, essas dispendiosas armadilhas. Na sala-de-jantar, porém junto à sobrinha, parou – era tão difícil avançar? – e começou a chorar em silêncio, um menino. A mulher também, dizendo a ele, como se diz a um menino, não chore não, os dois ali imóveis, abraçados, o terçol da sobrinha pesando sobre o olho indiferente, o ancião José Apolinário e a esposa cujo nome eu ouvira sem guardar, deploráveis, expulsos sem remissão da alegria e do futuro, ele a um passo da cova e ela do luto. Então, sem mão para conter-me, esquecido do que sou e talvez por ser quem sou, decidi fazer alguma coisa, quer dizer,

---

<sup>9</sup> Lê-se a seguinte nota, com vistas a uma reformulação do texto, à margem esquerda do fólio 24 do *ms.*, parte a grafite, parte a tinta azul: "Inserir/visões de/Eloísa neste/relato./Eloísa de/chapeuzinho/atravesando/a feira etc." E, abaixo da nota anterior, grafa-se também a tinta azul: "se soltam".



jogar água na sopa, mexer num sucesso em formação. Tivessem paciência, eu disse, um homem como ele, de posses, ficar entregue à atmosfera, hospital era pra isto, a sobrinha ergueu a pálpebra e resmungou que esses médicos..., hospital é um sorvedouro, adiantou a velha, melhor tratar-se em casa, a pessoa nos seus cômodos. Apolinário, um trapo umedecido em álcool à altura do fígado, quis saber de que tratávamos, a mulher resumiu olhando-o fixo: "Hospital! Palmares!" "Nada! Morro aqui mesmo." Ele não quer ir, reforçou a sobrinha. O desgraçado ia na onda, convencencia-se de que o melhor para ele era morrer barato, na penúria, pagando a morte com sofrimentos. Passavam frente à porta alguns dos que haviam pegado as suas rações e o Animal soprava nos ares. Eu insistia em arrancá-lo ao conluio das duas carrascas domésticas, aquelas almas de carrapatos, ele agora ausente, mais surdo do que nunca, exposto à sarna da agonia com um cachorro sem dono, extraindo os últimos alentos como quem arranca sem anestesia os dentes furados, morre logo, traste!, e de repente voltou-se para fora, eu vi os olhos dos seus tempos de homem, ele disse "pobre povo", se enganando, eu acho, superior, o nu lamentando o esfarrapado, era medir o vento a palmo, fazer-se de cego. Gritei – por desaforo?, não, tributo a algum remorso?, não, mas porque descera a minha escada, abrira o meu portão, entrara no alçapão do mundo – gritei, para que ele ouvisse, que eu fazia questão de arcar com o necessário, vivia folgado e não tinha herdeiros, a amizade paga imposto (eu queria dizer que impunha obrigações), a cidade de Palmares não mordida, o vento já levava todo o pó amaldiçoado, eu conhecia os médicos da Casa de Saúde (especialistas de nada, doutores rabo-de-cabra, incompetentes, ladrões, quadrilha de branco, açougueiros, isso eu não disse), se necessário ia operar no Recife, que diabo, amigo é amigo. A casa iluminou-se, caíra um anjo das esferas altas, com dinheiro no bolso e besta, um aruá-do-brejo, comida de gavião, agora sim, estavam como queriam, o velho assistido, o pé-de-meia salvo e a consciência em paz.

– Não sei se ele quer – disse a mulher. Se ele aceita.

– Vocês aceitando é o bastante.

Era só a compaixão que me atirava nesse lance? Que compaixão, que nada! Eu estava embarcado, como se fica em alto mar eu me via em alto mundo, solevado nas vagas do orgulho e da tentação de fazer aquelas duas sujeitas botarem as cartas na mesa, que cartas?, as cartas da avareza. Falsas protetoras. Vampiros familiares.

– Talvez seja melhor – cedeu a sobrinha. E contou que Apolinário, doido com a prisão de ventre, guardava fósforos usados, enfiava-os no rabo, não adiantava e mesmo assim ele insistia, não ouvia ninguém. Mas no hospital, ele ouviu.

A<sup>10</sup> inflamação do terçol minava a cara de lua, a cara da malandra parecia uma pálpebra fechada, apostemada, merecia um emplastro de mostarda. A esposa olhava Apolinário como quem de longe, de vagas fronteiras, o que via era um morto, menos, o retrato de um morto, tirado há muito tempo, na inocência do que seja um sofrimento caprichado.

A Casa de Saúde cheira menos a éter e a xarope que a manga e palha de coco. Parece que o remédio, aqui, a panaceia, é água de coco verde, os infelizes dos doentes passaram a vida com a boca nas torneiras, bebendo água com gosto de ferrugem, ou então água de poço, salobra (o subsolo desta terra deve ser forrado de leite azedo e salitre), quando chegam no hospital e entram nas águas de coco pensam que estão numa alhambra. Doutor Holanda, conhecido como Sapo, é o tal que desenrosca os parafusos. Posso dizer que é verdade, fiz a experiência, Alacoque enfiou num tamborete doze parafusos, meti-me na cama, falso doente, mandei chamar o Sapo quatro vezes, oferecia a ele o tamborete, ele me examinava sem saber que era ele o examinado e quando foi embora pela quarta vez tinham afrouxado sete dos doze parafusos, e ninguém me desminta, Alacoque é testemunha. Que qualidade imprópria! Um médico igual às chaves de fenda! José Apolinário, deslocado no meio desta sala com cortina escura e aparelho de ar refrigerado (para que não invada o consultório o barulho da feira de cavalos), põe a mão ainda forte no ombro caído do Sapo, e, como em outros tempos, quando dizia Vamos chegar a um acordo, deixe por trezentos, pegue lá o dinheiro, mas não vá sair gritando por aí que me enrolou!, envolve como nesse tempo a espádua do solta-parafuso, bem um palmo acima do solta-parafuso, aliciante, o jogo é o mesmo de quando ele trocava um bananal por um relógio de prata, tenta, confidencial, uma transação impossível:

– Meu camarada, veja se me tira dessa. Se eu escapar, tem um amigo pra tudo.

Sua amizade de velho em troca do milagre. Meio surdo, ele não ouve o tumulto da feira de cavalos, os relinchos, as patadas, os berros dos negociantes, tudo abafado pela cortina grossa, lanosa, parecida com manta de soldado. Vi quando subiu na balança, os

---

<sup>10</sup> Na margem superior do fólio 27 do *ms.*, à esquerda, lê-se a seguinte anotação a tinta azul: “eussemia/conj. bons sintomas/2 e 1 doença”. O autor consulta o dicionário em busca de definições.

braços para trás, a mão direita sustentando o punho esquerdo, vi-o de costas, e onde estava o indomável, o rijo, o cabra danado?, imprevistos da matéria, quem se pesava na balança gasta era um menino dos seus onze ou doze anos, não o velho doente, exaurido e condenado, um menino sem peso algum no coração e a vida inteira pela frente (com um câncer no fim, sim, mas tão longe que nada significava), o menino Apolinário, esqueleto ainda mal formado, observava um cantador de feira, ou um jogo de pedras, ou uma briga de galos, ou a passagem de um andor, disponível, as mãos nas costas. Os animais que se agitavam na rua, do outro lado da parede, me pareceram, a mim que não sou homem de endechas, todos os cavalos, guardados no curral do tempo, que o menino José Apolinário ainda havia de selar, montar, comprar, vender, tanger, trocar, domar, tomar de ladrões, estrompar, banhar no rio, marcar, soltar no pasto.

Mandei chamar no Recife, a duras penas, um luminar da cirurgia, um sujeito como eu acho que se deve ser, dos que não vendem barato o porco que cevaram (e, quando vendem o porco, vendem a faca), fingiu desinteresse, se enalteceu por tabela, “a maestria que me atribuem”, “a responsabilidade a que me obriga o julgamento benévolo de alguns nomes de escol”, guardei esses fraseados, cálices venezianos, sedas chinesas, porcelanas do Ceilão, artigos finos e que não têm vez aqui no município, bancou o superior, mas como quem não quer, acabou discutindo o pagamento, “50% no ato e 50% a 30 dias, o senhor assina uma nota promissória pelo saldo, está de acordo?”, botou nos cornos da lua a Casa de Saúde, o sujeito era um artista, calculava tudo (ia depreciar o teatro da sua exibição?, por que não resolvia logo operar no Cine Apolo?), elogiar a Casa de Saúde, três residências que uns carneiros daqui, associados com outros do Recife, alugaram e reformaram, rasgando portas onde ninguém sonhava, demolindo os muros e construindo quartos nos quintais, numerados à mão e fora de sequência, o 35 junto do 22, o 4 depois do 10, como um jogo de víspera, nem as enfermeiras se orientam naquele arraial (como gostam de chinelo, não vi uma de sapato e era cada placa de pó nos cascos!), foi numa dessas cafuas que eu deixei o iludido (fora outra coisa na vida?) que insistia em assinar, com pluma de aço e letra categórica, José Apolinário Figueiredo.

Fiquei junto da cama, aliviando o calor com o abano de palha que apanhara em cima de um fogão apagado. Dois ou três rádios tocavam alto, a Casa de Saúde São Francisco (pelo que cobra, devia se chamar São Rotschild) é animada, do lado esquerdo o comércio de cavalos e lá dentro a sonoplastia, o som de gafeira ou de buate da zona, as putas que

morrem ali não estranham o ambiente, morrem alegres, rádio no pé do ouvido, “é melhor renunciar”, “sai do meu caminho”, música sertaneja, canções de gringos. As enfermeiras, pegadas a laço, chucras, chegavam com a famosa água de coco, frasco de soro, seringas, comprimidos, falando “píula”, “algodão”, “sanitaro”. Mas eram gente boa, vinham da peneira, do fogão, da foice, da lata na cabeça, do bilro, do barro, das grades, tinham levado do mundo toda sorte de porrada e isto não minara o algodão que eram, continuavam aquelas mãos de sonho, algodão na voz, nas mãos, no jeito de virar o doente, só um pouquinho, viu?, não dói não, cheiravam a suor, não tinham culpa disto. Apesar do calor, uma entrou e abriu o lençol rasgado numa ponta, o gesto foi uma porta se abrindo para o quarto de paredes altas onde a figura descarnada de Estefânia entra com pés de lã para cobrir o filho, o pano aflou com frufus e ondulações sobre José Apolinário.

– Manuel Izidoro... – disse ele. Manuel Izidoro...

Olhei, espantado, seu rosto agora mais plácido: sobre a pele sem cor e colada na caveira parecia haver uma espécie de máscara mais viva, curtida em outros verões, enterrados antes dele. Mas aquele nome, solto, ainda podia não ser nada, podia ser uma chave que caía do seu bolso e que eu soubesse – Apolinário, não – que casa abria, que tremendo calabouço. Mas ele acrescentou:

– Que terá sido feito da cabeça?... Quem são aquelas duas?!

Olhei para fora e não vi ninguém, só as tábuas, os tijolos, um saco de cimento, um cachorro guenzo e um capão amarrado pela perna, à sombra, entre dois troncos das mangueiras que resistiam à derrubada. Uma cigarra abriu o canto, quase abafa a latomia dos rádios. José Apolinário, atochado de injeções e pílulas, não ouvia, tinha caído no sono, a boca aberta. A dentadura estava num copo com água. As gotas do soro pingavam, compassadas. As veias das mãos. Os olhos encovados. A carcaça embaixo do lençol, mingando. Movi a cadeira, cheguei mais perto da cama, minha mão se levantou, lutei, ela venceu, tocou inábil a cabeça, o topo do homem, nem sei se posso afirmar que afaguei aquele velho drogado, era o meu braço que agia, revelava-se, igual às enfermeiras, braço de gaze ou de algodão, isso acontece a quem sai de seus cuidados, se imiscui no mundo: vão surgindo brechas. Tinha de votar, meter-me em casa. Toquei a campainha, pedi que chamassem um carro. Fui embora sabendo que nunca mais ia vê-lo. Que aquele instante, para mim, era como se já fosse o seu enterro.

Quando saiu do hospital (só não arrancaram, do seu tronco, o que não foi possível, e acho que cobraram a peso, pelos quilos de miúdos atirados no balde), mandou parar o jipe na frente do portão. Vi, pela vidraça, aquela máscara de cera. A sobrinha estava junto dele e o dedo rombudo me apontou. Recuei. Ele abria os olhos, com certeza só enxergava uma névoa. Acenou na direção da casa, errático, aceno de cego. O jipe deu meia-volta e disparou aos catabis, ele vacilava no banco, um boneco. Ergui-lhe o punho: “Caí no laço. Mas aqui, dentro da minha casa, estou a salvo. Vai-te.”

E daí para a frente (ou para trás, Máquina?) foi o combate feroz do Corpo com a Doença, o homem era rijo e se agarrava ao que sobrava do mundo: a dor, a urina podre, o intestino solto, a resistência do colchão, as mudanças da luz nas paredes do quarto, as mãos da mulher na sua testa e as inexplicáveis tréguas em que tudo cessava, ele boiava na serenidade, um remanso profundo, grandioso e tão isolado de tudo que parecia a morte, parecia a morte. Adormecia. “Por que meteste a mão? – condena a Máquina. Não sabes quem és?”

Como<sup>11</sup> seria se eu não tivesse ido lá, se não metesse o bedelho? Seria a mesma coisa, mas sem tantos lanhos. Eu não sabia disto? Sabia. E por que interfeiri, arranquei o homem àquelas unhas-de-fome que entretanto o resguardavam, ignorantes, de mim, dos meus gumes? Porque sou assim, um ofensor, não cheguem perto de mim. Por mais que deseje e faça, não posso salvar e meus gestos de bondade são mortais – cutiladas. Por isto vivo em fogo? Não, quem me dera que a razão fosse esta: assim, haveria uma, eu seria o segregado, apenas, o condenado, o rasgão no brocado, o não na afirmação – e teria esperança. Em vez disso, o que sou é um coágulo, um cristal das negativas que minam tudo, de ponta a ponta, eu apresso, eu não tenho misturas que iludam ou atenuem. Outros ainda são capazes de felizes doações provisórias. Oferecem festas e alegrias (efêmeras, insiste a Máquina), favores. Quanto a mim, recebi, sem plumagem, sem brilho, a Força Escura. Ela está em mim e age em mim, sem remissão.

## Referência bibliográfica

---

<sup>11</sup> No fólio 33 do *ms.*, à esquerda da margem superior, anotação datilografada “eussemia”. Na margem esquerda, leem-se duas notas a tinta azul, sobre o caráter de Deodoro e a modalização que se pretende dar à narrativa: “Cultiva: plantas/a máq[uina] inútil /e a condição de/vida elevada/ao máximo.”, e “Há uma inde-/cisão ainda/nas coisas./Quero con-/tradição, não/indecisão”.

LADEIRA, J. de G. O novo desafio de Osman Lins. Apresentação de trechos do romance inacabado do escritor. *Revista do IEB*, São Paulo, n. 38, 1995.

---

<sup>1</sup> Francisco José Gonçalves Lima ROCHA, Prof. Dr.  
Universidade de São Paulo  
fjrocha@gmail.com

Recebido em 10/06/2014  
Aprovado em 21/06/2014